

BUARQUE, Chico. *Leite derramado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. 195 p.

Leite Derramado: A Lembrança Em Meio À Razão E Ao Individualismo

Stefane Soares Pereira¹

Francisco Buarque de Hollanda nasceu em 1944 no Rio de Janeiro. Além do talento poético-musical, destacando-se como cantor e compositor, Chico apresenta uma veia literária, publicando em 1968, a peça *Roda viva*; em 1973, a peça *Calabar*; dois anos depois a peça *Gota d'água*; e em 1979, a peça *Ópera do malandro*. Escreveu também a novela *Fazenda modelo* (1974), e os romances *Estorvo* (1991), *Benjamin* (1995) e *Budapeste* (2003).

Lancemos as velas, atemos as naus! Preparemo-nos para as grandes navegações portuguesas. *Leite derramado* se configura no limiar da colonização do Brasil e do desembocar de uma urbanização social. O cenário é carioca, e embora não mais fosse São Sebastião do Rio de Janeiro – primeiro nome recebido pela cidade –, vemos como o período de luta contra as invasões dos franceses em meados do século XVI serviu para que a cultura francesa se instituisse na alta sociedade. O valor da língua francesa aparece não só nas transações político-econômicas do narrador protagonista da história – um senhor envolto ao seu centenário relatando as reminiscências de seu passado-, como também no sangue de fidalga de sua mãe, viúva que herdou a fortuna do marido, político assassinado, jamais perdendo a majestade. Esta difundia a exclusão em seus relacionamentos junto àqueles cujo francês estivesse naturalmente imerso ao meio comunicativo.

Mas longe de insinuar-se com preceitos históricos, Chico Buarque não se enclausura nos detalhes da formação dos Governos Gerais da colônia, menos ainda nas vantagens da aliança entre Portugal e Espanha, conhecida por União Ibérica. O autor expõe as grandes mudanças que o passar das gerações testemunha, em âmbito territorial e social. Os nobres espaços da colônia dão lugares a construções modernas e enjauladas, os jardins são ocupados por grades de aço e a paisagem perde a amplitude para dar lugar a altitudes. E embora esses

* Mestre em Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Professora de Língua Inglesa na Universidade Salgado de Oliveira. Email: stefane87@gmail.com

relatos às vezes ecoem o aprisionamento do ser humano aos espaços materiais, ou mesmo à fugacidade da cidade, ao seu ritmo “maquínico” e berrante, em verdade eles elucidam a voz da perda dos privilégios de um personagem, Eulálio d’Assumpção, que nasceu em berço e vivera boa parte de sua vida como plebeu.

O narrador protagonista, porém, falhou na administração de seus bens por obséquio de um sentimento de conduzir a vida de maneira a agradar a filha que foi abandonada pela mãe, Matilde, seu grande amor, sua eterna amada. Nos registros de Eulálio ressoam a culpa e o arrependimento de não poder ter protegido a filha da ausência materna. Por outro lado, impossível, a nosso ver, seria manter tantos patrimônios sem a almejada posição política deixada pelo pai, senador de maus destinos, e que, por essa razão, a mãe viúva o impeliu a seguir a profissão. Mas o objetivo do autor não consiste em difundir a afeição materna ou paterna, mas sim a demonstrar que a nova geração não pode usurpar das vestes dos personagens historiográficos, não se pode fazer com que o presente se aproprie da história como um monumento, uma exacerbação, lembrando Friedrich Nietzsche (1872).

Eulálio não será importante como seu pai, todavia, o tempo e as mudanças no território brasileiro lhe trazem valores morais que provavelmente não foram partilhados com seu pai. Não acreditamos que o autor desejasse a simpatia e a compaixão dos leitores para com o narrador idoso abandonado nos corredores de um hospital ao “ver as ruínas da sede colonial, a capela em esqueleto, o estábulo carbonizado, a relva seca e a terra estéril” (BUARQUE, 2009, p. 79). Além disso, não cremos no argumento da impossibilidade de intersecção do novo com o velho. Vemos na observância da experiência do senhor aprisionado aos sintomas do Alzheimer a fusão do passado com o presente, o tradicional e o moderno liberto de hastes separatistas e enclausuradas. O autor não propõe o resgate temporal ou espacial, a restauração do patrimônio histórico de sua família e de outras famílias nobres de sua infância, ao contrário, a modernidade redimensiona os espaços simbólicos. Chico Buarque nos alerta, sobre a preocupação excessiva do narrador com o espaço material, para a perda do valor social de algumas edificações, atentando-nos para o fato de que isto reflete tanto as transformações do indivíduo quanto a mudança nos valores da sociedade.

Por outro lado, ao avaliar a mudança do indivíduo em relação às utopias do mercado, Buarque critica o comportamento iluminista de uma nova classe em ascensão, que acredita no

egocentrismo com tamanho deslumbre que às vezes esquece que o outro pode ofuscar um posicionamento casto. É dessa maneira que a filha do narrador, Maria Eulália, deixa-se tornar-se invisível aos olhos de seu marido Amerigo Palumba, de uma amiga que trabalhava com peças de teatro, convencendo-a a investir na carreira de atriz, e Xerxes, o qual não se contentando somente com o dinheiro aproveitava para violentar sua Eulalinha. Levada pela ganância ainda menina Maria Eulália já achava ultrapassado ter “casa com quintal, invejava as colegas que se mudavam para os edifícios modernos do bairro, com fachadas de mármore em art déco” (BUARQUE, 2009, p. 120-121).

Cômicos nós parecemos ser na intersecção com as espacialidades. Debruçar-se sob o *Leite derramado* por vezes é alimentar-se de uma sátira não apenas da modernidade, mas, sobretudo, da contemporaneidade, que atualmente vive envolta a difusão da sustentabilidade e uma grande maioria sonha com uma casa com jardim, pois os netos podem brincar e respirar um ar mais puro, oxigenado. Mas o narrador não largaria todos os seus recursos à sua enfeitada consanguínea, pois como diria Luís de Camões, “mudam-se os tempos/ mudam-se as vontades/ muda-se o ser/ muda-se a confiança”².

As alterações nos espaços sociais brasileiros, porém, ocorreram lentamente. Podem-se notar essas transições não apenas na mudança da tonalidade urbana, como também a partir do comportamento dos sujeitos de cores claras na integração com os negros, então seres humanos livres. Afirmamos sobre a brandura da conduta do sujeito branco, primeiramente porque testemunhamos atitudes racistas reiteradamente em nosso século. Concomitantemente, na obra de Buarque, embora pudesse assegurar com orgulho que seu “avô foi um grande benfeitor da raça negra” (BUARQUE, 2009, p. 50), o narrador logo confessa seu verdadeiro propósito, enfatizando a posição que seu avô ocupava, como comensal de D. Pedro II. O discurso abolicionista de seu avô, contudo, apresenta-se como um discurso de pureza e exclusão social relativo, é claro, ao preconceito dominante na sociedade brasileira e, sobretudo a uma visão limitada de defesa de uma terra natal pertencente aos africanos deportados e não fundamentalmente aos seus descendentes; como se “retornar às origens” garantisse a vivência “afora na miséria e na ignorância” (BUARQUE, 2009, p. 51).

²Disponível em: <<http://www.citador.pt/poemas/mudamse-os-tempos-mudamse-as-vontades-luis-vaz-de-camoes>>.

Diríamos que o narrador personagem de *Leite Derramado* assim como seu avô representa o diálogo pleiteado por populações diaspóricas que confundem a difusão de uma memória de um grupo, portanto, coletiva, recordada e passada pelos ancestrais com a memória individual dos negros cuja origem é brasileira. Em outras palavras, isso significa dizer que a ideia do continente africano como um “lugar de origem” precisa ser analisada e repensada, pois considerar a África como o lugar de origem de um sujeito consiste, mormente, na negação das diferenças étnicas do continente, homogeneizando-o tanto geograficamente como politicamente.

Outra questão, todavia, nos chama mais atenção: a tentativa do narrador de autoafirmar-se não racista. Desejo o qual por vezes parece transcender a verdadeira essência do personagem. Eulálio gaba-se por não ser como o pai, não sendo infiel e principalmente “sem preconceitos de cor” (BUARQUE, 2009, p. 20). Consideramos meticulosamente grotesca a forma como esta virtude surge no personagem, que narra o ocorrido como consequência de seu convívio com o escravo de confiança da família, o Balbino. Ainda moço, Eulálio divertia-se maliciosamente com o pequeno poder que a vantagem de branco “de berço” lhe oferecia, pedindo ao escravo para subir nas mangueiras. Mas ele era um varão, isso sim herdou do pai, e apaixonou-se por uma moça de pele castanha, Matilde, que logo após o nascimento da filha apresentou distúrbios, tendo que ser internada em um sanatório. Abandonou, assim, Eulálio e seu bebê Maria Eulália. O narrador expressa toda sua amargura por ter perdido o seu grande e amor. Confessa, porém, além de um ciúme imaginativamente criativo uma repulsa às tendências negras da amada. Perturbava-lhe vê-la divertindo-se aos sons do samba, que para o narrador não passa de uma “dança nojenta” (BUARQUE, 2009, p. 116). Demonstrava atitudes violentas no convívio com Matilde em momentos raivosos, e, poderíamos dizer de remorso por amar uma mulher que “tinha mania de ir para a cozinha” (BUARQUE, 2009, p. 66). Sentia também vergonha por não ter uma esposa “mais circunspecta, com certos atributos intelectuais” (BUARQUE, 2009, p. 109).

Desde que Matilde saiu para não mais retornar ao lar familiar o narrador vive o padecimento das horas da velhice, alimenta-se de sua memória, suas impressões, e como já dizia Aristóteles e, posteriormente, Santo Agostinho, a memória é do passado. Não fosse o tempo, não haveria lembranças, nem representação de percepções adquiridas (*eikon*). Não

haveria passado e, portanto, não haveria memória: “Foi dito com Aristóteles, diz-se de novo mais enfaticamente com Santo Agostinho, a memória é passado, e esse passado é o de minhas impressões; nesse sentido, esse passado é meu passado” (RICOUER, 2010, p. 107).

Chico Buarque traz na voz de um homem bom, a impossibilidade da perfeição, e as mazelas de muitos os seres humanos. O recordar do passado como fruto de sua memória que consideramos involuntária permite o leitor o descobrimento de si mesmo, as angústias de um homem que embora parecesse acompanhar as mudanças de um mundo moderno, precisava amparar-se em aspectos tradicionais e, assim criar um equilíbrio entre dois mundos: do presente e do passado. E apesar do amor fazer-lhe quebrar barreiras sociais ideologicamente fortes e constantemente circundantes, o autor mostra a nós leitores que é preciso rever os nossos valores e, que para isso, independe a riqueza ou a pobreza, nem sempre é vencedor aquele que perece na história. Mas o tempo, sim, o tempo sim carece um olhar, pois a velhice chega, e o tempo perde sua dinamicidade. Mas talvez essa seja a fortuna da vida, viver e, por vezes, fracassar. Fracassar, porém, questionando. Lembremos Fernando Pessoa, “satisfeito só pode estar aquele que se conforma [...] Vence só quem nunca consegue”³...

Referências

BUARQUE, Chico. *Leite derramado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. 195 p.

CAMÕES, Luís Vaz. Poema. Disponível em: < <http://www.citador.pt/poemas/mudamse-os-tempos-mudamse-as-vontades-luis-vaz-de-camoes>>. Acesso em: 15 maio 2012.

NIETZSCHE, Friedrich. Segunda consideração Intempestiva: Sobre a utilidade e os inconvenientes da História para a vida. In: *Escritos sobre a história*. Rio de Janeiro: Ed. Puc-Rio; São Paulo: Loyola, 2005.

PESSOA, Fernando. Pensador. Info. Disponível em: < <http://pensador.uol.com.br/frase/NDUyMg/> >. Acesso em: 15 maio 2012.

RICOEUR, Paul. Da memória e da reminiscência. In.: *A memória, a história, o esquecimento*. Trad. Alain François [et al.]. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010, p. 25-142.

³ Disponível em: <<http://pensador.uol.com.br/frase/NDUyMg/>>.